

**TEORIAS, MÉTODOS E TÉCNICAS
DA PESQUISA DE CAMPO**
(programa de curso na UNICAMP)

O antropólogo francês, Claude Lévi-Strauss observa que a explicação científica não consiste, como fomos levados a imaginar, na redução do complexo ao simples. Ao contrário, ela consiste, diz ele, na substituição de uma complexidade menos inteligível por outra mais inteligível. No que concerne ao estudo do homem, pode ir-se até mais adiante, penso eu, no argumento de que a explicação consiste, muitas vezes, em substituir

*Já no final de seu recente estudo sobre as idéias usadas pelos povos tribais, **O pensamento Selvagem**, os quadros simples por outros complexos, enquanto se luta, de alguma forma, para conservar a clareza persuasiva que acompanha os quadros simples.*

Clifford Geertz - A Interpretação das Culturas

No aprendizado da *pesquisa científica*, tanto quanto em outros campos do saber e do viver, existem, no que toca atividades das práticas de produção (estudo pessoal, coletivo, pesquisas, etc.) de conhecimento, duas maneiras de se chegar a adquirir o saber, o discernimento ou a habilidade para realizar alguma coisa.

Uma é ler os manuais em que os autores de um determinado campo de especialização científica ou tecnológicas dizem como, em princípio, se deve fazer. Ela é a forma mais simples, a mais direta e, em alguns casos, é bastante eficiente.

Outra é ler os livros em que os cientistas e autores são surpreendidos realizando e escrevendo *as suas pesquisas e sobre as suas pesquisas*. Este é um procedimento mais elaborado. Ele é mais múltiplo e mais complexo. Ele pode ser até mesmo desanimador em alguns casos. Mas, levado a sério, acaba sendo muito mais denso. Mais densamente produtivo.

Qualquer que seja o caminho tomado entre os dois sugeridos aqui, existem, de novo, outras duas maneiras de se aprender a pesquisar em um qualquer campo da ciência. Uma é buscando respostas-de-receita a perguntas do tipo: “como é que se faz?” Alguns pequenos manuais são excelentes nisto.

Outra é quando se tem perguntas, algumas ou várias, interligadas. e se deseja obter respostas igualmente mais completas, mais complexas, mais “a fundo”

Quando, por exemplo, não interessa apenas saber algo sobre o uso de uma determinada “técnica de pesquisa”, mas o que se tem em mente é relacionar: teoria científica, ética profissional na pesquisa, procedimentos metodológicos e, finalmente, a utilização de uma técnica de coleta de dados. As respostas-de-receita também somam aí, mas dentro do *todo* que as abriga.

Perguntas como: quais são os fundamentos da teoria de compreensão do assunto em que a pesquisa se coloca? Porque estes fundamentos e não outros? Como o autor constrói (com que coerência?) os *conceitos* que apresenta e com os quais ele trabalha? Como é que ele articula uma *teoria científica* com um *método científico* de *investigação científica*? De que maneira e com base em quê, ele estabelece um conjunto de *técnicas* para a realização dos “passos” de sua pesquisa? Como ele resolve a questão da construção empírica de um trabalho científico articulado com um suposto ético, de vez que o seu estudo envolve pessoas (e pode chegar a envolver destinos de pessoas)? Como é que ele realiza empiricamente a produção sistemática de dados em seu trabalho de pesquisa? De que maneira ele lança mão de seus *dados de pesquisa* e os transforma em *argumentos*, em *análises de*, em *demonstrações científicas*, em “*interpretações do real*”?

Isto é complicado. Mas é mais completo. Convence. Esclarece. Ao lado de “dados” que quantificam ou descrevem sumariamente um determinado “objeto de pesquisa”, quem procede dessa maneira pode chegar a possuir os fundamentos de uma explicação, de uma análise, de uma interpretação em seu campo do saber. Isto acrescenta qualidade aos seus resultados e pode abrir portas a um diálogo fecundo com outros pesquisadores. O que se obtém de um estudo assim não é somente a acumulação de um frágil *produto do saber* dos outros, mas a experiência dinâmica e mais integrada de um *processo de conhecimento*. Um processo do saber-fazer que, afinal, sendo um atributo do campo do saber em que eu circulo, pode ser meu também.

Existem outras duas maneiras de se aprender algo a respeito de uma *iniciação à pesquisa científica*. Pois, em algum momento, sempre se está começando.

Uma é quando se estuda, quando se lê, primeiro. E depois - às vezes muito tempo depois - se vai experimentar *o fazer* uma pesquisa..

A outra é quando se tem pelo menos um bom conjunto de perguntas sobre o assunto. Quando o próprio desejo da pesquisa, ou a evidência de sua necessidade, surgem junto com a formulação progressiva de “boas perguntas”. Perguntas que separam, por exemplo, o simples “levantamento”, de uma verdadeira investigação. Quando a pessoa aprende a prática do seu trabalho profissional e/ou docente, associando o estudo, a leitura pessoal e a reflexão sobre um assunto, ao seu próprio trabalho de criar respostas. Isto é, de viver a experiência de construir o seu

saber através de praticar a sua pesquisa. Isto vale para um professor, individualmente, e vale também para toda uma equipe de docentes.

Se isto é verdadeiro, podemos dizer que uma maneira mais fértil e mais gratificante de se compreender o significado do trabalho científico, em qualquer campo, é chegar ao seu estudo através de uma formulação pessoal e sempre ativa de problemas. Se eu sei as perguntas do que quero saber, embora não saiba ainda como buscar as respostas, fica mais fácil, mais proveitoso, aprender com os outros a como encontrar os meios e métodos de obter as respostas.

Que respostas eu posso esperar que um bom método de trabalho me dê, se eu não sei que perguntas dirigir a ele? E como saber dirigir perguntas proveitosas em minha área de conhecimento, se eu não tenho o hábito da reflexão pessoal? Se eu não me aventurar a não aceitar sempre as afirmações de outras pessoas como algo sempre acertado e, em alguns casos, até mesmo definitivo? Se eu não sei acrescentar o *conhecimento* às *informações* que obtenho de meu estudo. Se eu não sei submeter este *conhecimento* à minha própria *consciência* de uma maneira reflexiva. Crítica e criativa, portanto.

Eis as razões pelas quais, em alguns casos, alguns cursos a respeito de *métodos e técnicas de pesquisa*, realizados na universidade ou fora dela, tomam a forma de uma *oficina de trabalho*.

Esta é a opção da presente proposta de um curso a respeito de alternativas da *pesquisa qualitativa* associada ao trabalho docente de sala-de-aula. Mas não exclusivamente a ele.

Embora o curso aqui proposto tenha como objetivo a criação de situações múltiplas e interligadas da reflexão teórico-metodológica e do exercício vivenciado da *pesquisa de campo* (mas também a pesquisa documental e outras variantes das abordagens qualitativas) em seu sentido mais amplo, a pessoa a quem ele está dirigido com alguma prioridade é o professor. É o docente cujas perguntas inquietantes são mais ou menos estas: “como trazer a pesquisa para a sala-de-aula?”; “como ensinar aos meus alunos, incorporando a pesquisa ao meu trabalho docente?”; “como motivar os meus alunos (e a mim mesma!) a fazerem os seus próprios pequenos exercícios de pesquisa?”; “como utilizar o material de nossas pesquisas no aprendizado?” “como fazer da prática da pesquisa para a criatividade?

O curso-oficina aqui proposto está destinado, em princípio, a estes tipos de pessoas: estudantes de graduação e pós-graduação, especialmente no campo das *ciências humanas*; professores de disciplinas do mesmo campo, principalmente os interessados na relação docência-pesquisa; outros profissionais, outras pessoas, para quem o desafio formulado na pergunta: “se os outros souberam fazer, porque é que eu não posso saber”, já inquiete demais.

Para todos eles, para todos nós, cabe muito bem o quase começo do último parágrafo do livro: *Aula*, de Roland Barthes¹. Ele diz o seguinte:

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem a seguir outra, em que se ensina o que não se sabe; isso se chama, pesquisar.
(Barthes, Roland, *Aula*, 1989, Ed. Cultrix, São Paulo, pg.).

Proposta do programa

Durante os doze meses letivos do curso, estaremos trabalhando, juntos, em um programa de estudos e práticas sobre alguns métodos qualitativos nas ciências humanas e, de uma maneira mais marcada, nas ciências sociais. O curso foi montado de tal maneira que depois de vencidas as primeiras unidades, as que virão a seguir não de deverão tratar propriamente de “itens da pesquisa científica”, tomados um a um, mas a própria múltipla questão da pesquisa qualitativa, como uma integração de fatores teóricos, metodológicos, éticos, técnicos e docentes, tomados sempre no seu conjunto, na sua inevitável inter- correspondência.

Iremos conviver não propriamente com *manuais* de pesquisa ou com livros de “*introdução a*”, embora alguns deles possam ser sugeridos aqui e ali. A proposta do curso *de* (e, não apenas, *sobre*) alternativas qualitativas na pesquisa científica, é o contato e a convivência pessoal e partilhada (de cada participante, de equipes e da turma, no seu todo), com o pensamento teórico, as idéias de pesquisa e a sua prática, em autores consagrados. Autores clássicos e atuais da Sociologia, da Antropologia e da História.

Em cada um deles procuraremos selecionar textos interligados. Escritos de cientistas sociais que de uma maneira a mais integrada possível venham a cobrir: a) uma motivante reflexão teórica que fundamente uma experiência completa da prática de um pesquisador; b) uma sistematização de procedimentos metodológicos em uma pesquisa de perfil qualitativo; b2) ou uma análise mais ampla e aberta a respeito de uma abordagem qualitativa em pesquisa, devidamente entrosada com questões teoricamente construídas; c) um ou mais capítulos de um de seus livros, onde um trabalho de pesquisa de campo se apresente na prática e mostre os seus resultados.

Outra preocupação foi a de desenvolver de tal maneira o programa que, de autor em autor, algumas correntes teóricas relevantes na Antropologia Social e na História venham a ser apresentadas. Eis como pensamos um curso cujas aulas, seminários e práticas de oficina, acompanhem o movimento vivo e personalizado do trabalho científico. Acompanhem a maneira como uma análise estruturalista do mito, por exemplo, foi em algum momento constituída como uma questão intrigante, pensada como uma teoria de ciência e, depois, vivenciada como um

trabalho de campo e, ainda, como um *exercício de texto* por alguns dos seus melhores profissionais.

Algo bastante diferente de um curso em que a dinâmica e a coerência do trabalho científico sejam separadas de sua realização, passo a passo. Sejam separadas de cada fascinante momento de sua construção orgânica, para serem apresentados apenas como um conjunto de regras, ou como um repertório de receitas de prática. Esta preocupação se desdobra, de uma maneira inevitável, na idéia de que algumas das principais alternativas fundamentadas de pesquisa qualitativa venham a ser não apenas “ensinadas”, em seu momento de método-e-técnica, mas venham a ser refletidas, discutidas, criticadas mesmo como um verdadeiro exercício científico de “*pesquisa de/sobre pesquisas*”, na avaliação do todo complexo de suas próprias construções.

Ao lado das leituras que deverão constituir a matéria prima de nossas aulas e seminários, estaremos propondo experiências pessoais e coletivas de exercício de *pesquisas de campo*. Os alunos deverão propor pequenos projetos consistentes de pesquisa. Passo-a-passo eles deverão apresentar as suas questões, construir teoricamente as suas abordagens elaborar as suas estratégias metodológicas e justificá-las. Pois a elaboração de um *projeto de pesquisa* será um dos momentos de prática e de avaliação de aproveitamento.

Dentro do possível, e dependendo de fatores como o tempo disponível e a motivação dos alunos, os que assim quiserem poderão desenvolver os seus projetos, realizando, durante os meses de férias, pequenos exercícios de pesquisas. Aqueles que assim procederem, terão estes trabalhos de pesquisa também criteriosamente avaliados pelos professores. Os outros alunos serão avaliados pela qualidade do projeto elaborado e mais uma monografia sobre um tema do curso.

O curso será desenvolvido através de aulas ministradas pela equipes de professores. Outro procedimento serão os seminários de aprofundamento, momento de um aprofundamento crítico partilhado entre alunos e professores. Aulas teóricas e seminários de aprofundamento serão acompanhados de trabalhos práticos, em sala de aula e fora dela.

É suposto que os alunos lerão todos os textos aqui indicados. Uma bibliografia básica é apresentada a seguir. Uma bibliografia complementar será apresentada aos alunos ao longo do curso. Por outro lado, à medida em que os projetos comecem a ser construídos, os professores orientarão alunos individualmente e grupos de alunos, inclusive com a sugestão de uma bibliografia mais específica.

Programa do curso e bibliografia básica

Nota prévia: num curso de média duração deste tipo, é comum a bibliografia ser montada sobre artigos ou sobre capítulos de livros. É difícil fugir a esta regra. De alguma maneira assim será também neste curso. No entanto, para que não se perca uma compreensão completa do pensamento científico, tal como praticado no seu todo, em um trabalho mais amplo, a proposta é de que cada um dos participantes leia, ademais dos textos de cada *encontro* mensal, pelo menos 4 livros inteiros (um a cada três meses). Os “livros de leitura completa” deverão ser sempre obras correspondentes à proposta de compreensão do “ofício da pergunta”, de nosso curso. Trabalhos científicos da Antropologia, da Sociologia, a História (eventualmente de uma área afim, desde que com escolha justificada) em que uma fundamentação teórica, uma exposição metodológica, uma prática de pesquisa de campo e/ou documental, além de uma exposição/interpretação de dados da pesquisa sejam exemplarmente tratados. Tais livros deverão ser sugeridos já nos primeiros encontros. A idéia é sugerirmos um número maior de livros para propiciar uma escolha mais livre e mais adequada a motivações pessoais. Leituras originadas de indicações de alunos participantes poderão ser bem recebidas. Como uma sugestão do teor de tais leituras, sugerimos que mesmo antes do início do curso se procure ler o *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski, Coleção *Os Pensadores*, Editora Abril Cultural.

1ª unidade

comer – ou como um mesmo assunto aparente simples e natural está carregado de símbolos e significados e pode ser interpretado cientificamente de múltiplas maneiras

Richard E Leacocky

O povo do lago

Capítulo 6 – um modo de vida antigo

1988, Editora UNB/Melhoramentos, Brasília

Claude Lévi-Strauss

El origen de las maneras de mesa – Mitológicas vol. III

Capítulo 2, da parte 6 – breve tratado de etnologia culinária

1984, Siglo XXI, México

Marshall Sahlins

Cultura e razão prática

Capítulo 4 – la pensée bourgeoise

1982, Zahar Editora, Rio de Janeiro

Marvin *Harris*

Vacas, porcos, guerras e bruxas

Capítulo 4 – a mãe vaca

1983, Francisco Alves, Rio de Janeiro

Mary *Douglas*

Pureza e Perigo

Capítulo 3 – as abominações do Levítico

1976, Perspectiva, São Paulo

Edmund Leach

Edmund Leach (coleção *Grandes Cientistas Sociais*)

Antologia de textos organizada por Roberto da Matta

Capítulo 5 – aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal

1984, Ática, São Paulo

Introdução à Antropologia Social

o que fazem os antropólogos? no que eles pensam?

A proposta do programa

Um dos antropólogos que nos acompanhará ao longo do curso disse uma vez que a melhor maneira de compreender o que é Antropologia é olhar e procurar compreender o que os antropólogos estão de fato fazendo. É isto o que este curso pretende experimentar. Não se trata de “introduzir” o que a Antropologia é, foi ou deveria vir a ser entre outras ciências do entendimento humano e, especialmente, em meio a outras ciências sociais, mas trata-se de fazer a experiência de “introduzir” o aprender a ver e pensar como estão fazendo os antropólogos. Como fizeram e seguem fazendo agora as várias antropologias da Antropologia.

Ciência voltada à compreensão do outro e à interpretação de similitudes através das diferenças, veremos de saída que ela não é, como terá sido em um momento inicial, uma espécie de “sociologia do primitivo”. Hoje em dia o que distingue é muito mais um conjunto de disposições peculiares de definir campos de estudo, constituir sujeitos de intersubjetividade, propor modelos de classificação e de interpretação, do que o estabelecimento de um objeto de estudo ou de um método único. Se há nela um objetivo. Ele seria o de propor continuamente uma reflexão “alargada” dentro da qual “eu” e o “outro” nos tornemos inteligíveis para nós próprios e para o outro, sem que isto em momento algum signifique uma redução de um tipo de sujeito, de sua cultura, de sua identidade, a uma lógica alheia à sua própria.

Entre encontros e desencontros de que se constroem e destroem histórias e culturas, começemos por revisitar momentos em que entre índios e conquistadores a experiência do outro viveu, na “conquista” da América, um de seus momentos mais dramáticos. Saltemos daí ao estudo de como os antropólogos falam de si mesmos, quando estão “no campo” em suas pesquisas. Ao estudo de como no confronto dos “dados” e das “teorias” eles falam uns sobre os outros. Tomemos depois três momentos privilegiados da experiência passada e recente da Antropologia, e procuremos ver em cada um de seus campos, práticas de antropologias funcionam. Dei a cada um deles o nome do verbo que o traduz de maneira mais direta: comer, casar, ser. Finalmente, tomando de alguns antropólogos conhecidos um texto de explicação de “sua teoria” e um texto em que ele a submete a uma explicação ou a uma intervenção antropológica, procuremos apreender de que maneira esses momentos, cuja tensão e convergência constituem a própria Antropologia, são resolvidos, isto é, são praticados como um tipo de trabalho intrigante e oportuno para uma introdução a como a Antropologia pensa e se pensa. Este exercício conclui-se com um estudo sobre a questão da identidade tal como ela tem sido tratada no Brasil.

O programa do curso

1. o outro, eu: uma abertura ao pensar como antropólogo

- . falar de si mesmo, falar do outro, falar com o outro
- . “eles e nós”: encontros, desencontros, desenganos
- . antes dos começos – alguns cronistas ocidentais do “outro”

| | |
|-----------------------------|---|
| Martin Buber | Yo y tú Ediciones Nueva Visión 1969 Buenos Aires |
| Pierre Clatres | A Fala Sagrada Papyrus 1990 Campinas |
| T. C. Mc Luhan (compilador) | Pés Nús sobre a Terra Sagrada L & PM editores 1986 Porto Alegre |
| Miguel León-Portilla | A Conquista da América Latina vista pelos Índios VOZES 1984 Petrópolis |
| Marco Polo | O Livro das Maravilhas L & PM editores 1985 Porto Alegre |

- Cristóvão Colombo Diários da Descoberta da América
L & PM editores 1984 Porto Alegre
- Américo Vespúcio Novo Mundo
L & PM editores 1984 Porto Alegre
- Michel de Montaigne Ensaaios
Livro Primeiro, capítulo XXXI: Dos Canibais
Coleção Os Pensadores, Abril 1972 São Paulo
- Laura de Mello e Souza O Diabo e a Terra de Santa Cruz
Companhia das Letras 1986 São Paulo

2. A experiência da antropologia: depoimentos e confissões de campo

- . haver ido
- . a experiência vivida do trabalho do antropólogo
- . olhar o “outro”, compreender com ele

- Bronislaw Malinowski Argonautas do pacífico Ocidental
Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa
Coleção Os Pensadores Abril 1976 São Paulo
- Claude Lévi-Strauss Tristes Trópicos
Edições 70 1981 Lisboa
- David Maybury-Lewis O Selvagem e o Inocente
Editora da UNICAMP 1990 Campinas
- Lux Vidal Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira
Hucite/edusp 1977 São Paulo
- Manuela Carneiro da Cunha Negros, Estrangeiros
Brasiliense 1985 São Paulo
- Lygia Sigaud Os Clandestinos e os Direitos
Duas Cidades 1979 São Paulo
- José Sérgio Leite Lopes O Vapor do Diabo
Paz e Terra 1978 Rio de Janeiro

- Clifford Geertz A Interpretação das Cutluras
A invasão, começo de Um Jogo Absorvente – a
briga de Galos na Sociedade Balinesa
Zahar 1978 Rio de Janeiro
- Alba Zaluar A Máquina e a Revolta
Brasiliense 1985 São Paulo

3. A tribo voltada para dentro: como os antropólogos falam de antropólogos

- . Claude Lévi-Strauss Antropologia Social Dois
O que a Etnologia deve a Durkheim, cap. III
Tempo Brasileiro 1976 Rio de Janeiro
- . Roberto Da Matta Edmund Leach
Introdução: Repensando E. R. Leach
Ática 1983 São Paulo
- . Eunice Ribeiro Durhan Malinowski
Introdução: Uma nova visão da Antropologia
- . Roberto Cardoso de Oliveira A Antropologia de Rivers
Introdução: Leitura de Rivers
Editora da UNICAMP 1991 Campinas
- . Clifford Geertz El Antropólogo como Autor
Nosotros/Los otros. Los viajes de Ruth Benedict
Ediciones Paidós 1989 Barcelona
- . Pierre Clastres Arqueologia da Violência
Os marxistas e sua Antropologia
Brasiliense 1982 São Paulo

4. entreato: ver, ver-se, pensar e rir

- . do campo ao texto: alguns dilemas
- . o que quer dizer: “do ponto de vista do outro”?
- . relativizar

| | |
|------------------|---|
| Umberto Eco | Diário Mínimo Indústria e Repressão Sexual numa Sociedade Padana DIFEL 1985 São Paulo |
| Roberto da Matta | O Ofício do Etnólogo, ou Como Ter Anthropological Blues em: A Aventura Sociológica (Edson Nunes, org) Zahar 1978 Rio de Janeiro |
| Clifford Geertz | Local Knowledge From the Native's Point of View (cap. 3) Basic Books 1983 New York |

4. Comer: bom para viver, bom para pensar

- . como os seres humanos se organizam socialmente para conseguir comer
- . como diferentes antropologias pensam o comer como uma prática e como um pensar
- . diferentes olhares, divergentes interpretações: um convite à teoria na antropologia

| | |
|--------------------------------------|---|
| Richard E. Leakey | O Povo do Lago Um modo de vida antigo (cap 6) Editora UNB/Melhoramentos 1988 Brasília |
| Claude Leví-Strauss III) parte | El Origen de las Maneras de Mesa (Mitológica Breve Tratado de Etnologia Culinária (cap 2 da Siglo XXI 1984 México |
| Marvin Harris | A Mãe Vaca <u>Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas</u> Francisco Alves 1983 Rio de Janeiro |
| Marshal Sahlins | Cultura e Razão Prática <u>La Pensée Bourgeoise (cap. 4)</u> Zahar 1982 Rio de Janeiro |
| Mary Douglas | Pureza e o Perigo As abominações do Levítico (cap. 3) Perspectiva 1976 São Paulo |

Edmund Leach

Edmund Leach (antologia organizada por R. da
Matta)

Aspectos Antropológicos da Linguagem:
categorias animais e insulto verbal (cap. 5)

5. descrição, explicação, Interpretação: como os antropólogos pensam teorias

- . Da Relativização às diferenças: a questão da teoria na Antropologia
- . Modelos e paradigmas: algumas antropologias na teoria e na prática
- . a situação atual da antropologia contemporânea

. Émile Durkeim

As Formas Elementares de Vida Religiosa
Introdução e Conclusão
Edições Paulinas 1989 São Paulo
(existe também na coleção Os Pensadores)

. E. E. Evans-Pritchard

Antropologia Social
Edições 70 1978 Lisboa
+
Os Nuer
Ecologia (cap. 2)
Tempo e Espaço (cap. 3)
O Sistema de Linhagens (cap. 5)
Perspectiva 1978 São Paulo

. A R. Radcliffe Brown

Estrutura e Função na Sociedade Primitiva
Sobre o Conceito de Função em Ciências Sociais
(cap. IX)
VOZES 1973 Petrópolis
+
Os parentescos por brincadeira (cap IV)

. Marcel Mauss

Sociologia e Antropologia (volume I)
Relações reais e práticas entre a psicologia e a
antropologia (EPU/EDUSP 1974 São Paulo)
+
Uma categoria do espírito humano: a noção de
pessoa, a noção do eu

. Claude Lévi-Strauss

Antropologia Estrutural

- Clifford Geertz
- A estrutura dos Mitos (cap XI)
 Tempo Brasileiro 1967 Rio de Janeiro
 +
 Antropologia Estrutural II
 A Gesta de Asdiwal (cap IX)
 Tempo Brasileiro 1976 Rio de Janeiro
 A Interpretação das Culturas
 Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da Cultura (cap 1)
 +
 Um jogo absorvente: a briga de galos na sociedade balinesa (cap. 9)
 Zahar 1976 Rio de Janeiro

Casar: a família e o parentesco

- . o significado cultural da família e do parentesco
- . princípios, origens, hipóteses
- . alguns modelos humanos de organização social do afeto

Lucy Mair
 O Casamento
Para que serve um marido? (cap. 1) Com quem podemos nos casar? (cap. 2)
 Pelicano/Ed. Uliseia 1973 Lisboa

Claude Lévi-Strauss
 Les Structures Elementares de la Parente
 Nature et Culture (cap. 1)
 Le problème de l'inceste (cap 2)
 Mouton 1968

E. Adamson Hoebel e Everett L. Frost
 Antropologia Cultural e Social
União e casamento (cap 10)
A extensão do parentesco (cap 11)

Elman R. Service
 Os Caçadores
Sociedade (cap 3)
 Zahar 1971 Rio de Janeiro

Ernest L. Schusky
Manual para análise de parentesco
EDU 1973 São Paulo

Roberto da Matta
A Casa & a Rua
Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil
Mulher: Dona Flor e seus dois maridos: um romance relacional
Editora Guanabara 1987 Rio de Janeiro

Marisa Corrêa
Morte em Família
Os construtores de fábulas (primeira parte)
GRAAL 1983 Rio de Janeiro

Margarida Maria Moura
Os Herdeiros da Terra
Hucitec 1979 São Paulo

6. Ser: a identidade, os antropólogos e o caso do Brasil

Um convite a pensar como alguns antropólogos brasileiros olharam e escreveram sobre a diversidade das identidades em algumas culturas do Brasil

Roberto Cardoso de Oliveira
Identidade e Estrutura Social
Anuário Antropológico (AnAn) 1978 pag. 243
Tempo Brasileiro 1980 Rio de Janeiro

Aracy Lopes da Silva
A expressão mítica da vivência histórica: tempo e espaço na construção da identidade xavante
AnAn 1982 pag. 200
Ed. Unv. Federal do Ceará/Tempo Brasileiro, 1984 Fortaleza/Rio de Janeiro

Alcida Rita Ramos
Hierarquia e Simbiose
A experiência multi-étnica de um índio maiongong (com João Koch e Ana Guita de Oliveira)
Hucite/INL 1980 São Paulo

Ovídio de Abreu Filho
 Parentesco e Identidade social
 AnAn 1980 pag. 95
 Edições UFC/Tempo Brasileiro 1982 Fortaleza / Rio de Janeiro

Claude Lepine
 Os estereótipos da personalidade no candomblé nagô
 Em: Olórisa: escritos sobre a religião dos orixás
 Agora 1981 São Paulo

Carlos Rodrigues Brandão
 Bichos, brancos e negros em Pirinópolis
 Revista de Antropologia vol 33 1990 pag. 75
 USP 3 FF CHL São Paulo 1990

Ruben George Oliven
 A parte e o todo
 A construção social da identidade gaúcha (cap. 5)

Luis Eduardo Soares
 Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil
 Sinais dos Tempos: tradições religiosas no Brasil (organizado por Leilah
 Landim)
 ISER 1989 Rio de Janeiro

os trabalhos e os dias

Temos 17 semanas de dois dias de trabalho em cada, às terças e quartas feiras. Podemos deixar uma última semana de junho (29 e 30) de reserva para alguma eventualidade durante o correr do curso.

Nossos dias de trabalho (ou melhor, nossas noites) serão utilizados para aulas expositivas, para a experiência de trocas de idéias a respeito dos temas tratados e a partir de trabalhos de “introdução à antropologia” feitos pelos alunos, ao longo do curso.

A avaliação do aproveitamento será feita através de: a) a produção de pequenos exercícios de trabalho antropológico realizados individualmente; b) a apresentação de um seminário de estudos preparado por grupos de alunos; c) uma prova final, também individual.

| | |
|---------|---|
| março | |
| 2 e 3 | apresentação do curso, conhecimento das pessoas e definição dos procedimentos + primeiro seminário de reflexão sobre a Antropologia |
| 9 e 10 | unidade 1: o outro, eu: uma abertura ao pensar como antropólogo |
| 16 e 17 | unidade 2: a experiência da antropologia: depoimentos e confissões de campo |
| 23 e 24 | unidade 3: a tribo voltada para dentro: como antropólogos falam de antropólogos |
| 30 e 31 | segue unidade 3 |
| abril | |
| 7 e 8 | unidade 4: entreato: ver, ver-se, pensar e rir + primeiro seminário |
| 13 e 14 | unidade 5: comer: bom para viver, bom para pensar |
| 20 | segue unidade 5 |
| 27 e 28 | final de unidade 5 + segundo seminário |
| maio | |
| 4 e 5 | unidade 6: descrição, explicação, interpretação: como os antropólogos pensam teorias |
| 11 e 12 | segue unidade 6 |
| 18 e 19 | final da unidade 6 + terceiro seminário |
| 25 e 26 | unidade 7: casar: a família e o parentesco |
| junho | |
| 1 e 2 | segue unidade 7 |
| 8 e 9 | unidade 8: ser: a identidade, os antropólogos e o caso do Brasil |
| 15 e 16 | segue unidade 8 |
| 22 e 23 | seminário final + avaliação coletiva do curso + prova final do curso |

sobre as leituras

Com graus variáveis de importância, todas as leituras indicadas serão consideradas durante os estudos das unidades do curso. Nem todas elas constituem leituras indispensáveis de parte dos alunos. Aquelas sobre as quais deve haver um esforço de leitura aparecem

grifadas, no título do livro ou do artigo. É também a partir delas que serão reformuladas as questões da prova final.

Alguns livros de leitura mais introdutória poderão ser lidos pelos alunos:

Roque de Barros Laraia, Cultura – um conceito antropológico, Jorge Zahar 1986

Harry L Shapiro (org) homem cultura e sociedade, Fundo de Cultura 1972.
Lucy Mair, introdução à antropologia social, Zahar, 1978, Rio de Janeiro.

Carlos Rodrigues Brandão
UNICAMP

Métodos e Técnicas de Pesquisa II

I – Proposta do programa

Durante os 12 meses letivos do curso, estaremos trabalhando, juntos, um programa de estudos e práticas sobre alguns métodos qualitativos nas ciências sociais. O curso foi montado de tal maneira que, vencidas as primeiras unidades, as que virão a seguir, não desdobram propriamente “itens” da questão da pesquisa qualitativa, mas, sim, autores da Sociologia, da Antropologia e da História. Em cada um deles procuramos selecionar textos que da maneira mais integrada possível cubram: a) uma discussão teórica a respeito de sua própria prática como pesquisador; b) uma reflexão a respeito de como ele procedeu metodologicamente em uma pesquisa, ou uma análise a respeito de uma abordagem qualitativa em pesquisa; c) um ou mais capítulos de um de seus livros, onde um trabalho de pesquisa de campo de apresente na prática e mostre os seus resultados.

Outra preocupação foi a de desenvolver de tal maneira o programa que, de autor em autor, pelo menos as principais abordagens qualitativas venham a ser apresentadas.

Ao lado das leituras que constituirão a matéria prima de nossas aulas e seminários, propomos um trabalho de exercício de pesquisa de campo. Os alunos deverão propor pequenos projetos consistentes de pesquisa, apresentar as suas estratégias metodológicas e justificá-las. Se for possível, e dependendo de fatores como o tempo disponível e a motivação dos alunos, os que assim quiserem poderão desenvolver os seus projetos, realizando durante os meses de férias pequenos exercícios de pesquisas. Aqueles que assim procederem, terão estes trabalhos de pesquisa avaliados pelos professores. Os outros alunos serão avaliados pela qualidade do projeto elaborado e mais uma monografia sobre um tema do curso.

O curso será desenvolvido através de aulas dadas pelos professores, de seminários de aprofundamento, e de trabalhos práticos, em sala de aula e fora dela, de montagem de projetos de pesquisa. É suposto que os alunos lerão todos os textos aqui indicados. Uma bibliografia complementar será apresentada aos alunos ao longo do curso. Por outro lado, à medida em que os projetos comecem a ser construídos, os professores orientarão

Alunos individualmente e grupos de alunos, inclusive com a sugestão de uma bibliografia mais específica.

Métodos e Técnicas de Pesquisa II

I – Programa

1. Bronislaw Malinowski
 - a) A teoria funcionalista
Malinowski, Coleção Grandes Cientistas Sociais, organizado por Eunice Durhan
 - b) Tema, método e objetivo desta pesquisa
Argonautas do pacífico Ocidental, cap. 1, também em: Desvendando Máscaras Sociais, editado por Alba Zaluar e: Malinowski, Coleção Grandes Cientistas Sociais, etc.
 - c) Os nativos das ilhas Trobiand
e
Características essenciais do Kula
Argonautas do Pacífico Ocidental
2. Victor Turner

- a) Liminaridade e “communitas”
O Processo Ritual, cap. 3
- b) Símbolos en el ritual Ndembu
La Selva de los simbolos, cap. 1
- c) Planos de classificação em um ritual da vida e da morte
O Processo Ritual, cap. 1

3. Clifford Geertz

- a) Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura
A Interpretação das Culturas, cap. 1
- b) From the native's Point of view: on the nature of anthropological understanding
Local Knowledge, cap. 3
- c) Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa
A Interpretação das Culturas, cap. 9
- d) Van Velsen
A análise situacional e o estudo de caso detalhado
Antropologia das Sociedades Contemporâneas, cap. 7
Organizado por Bela Feldman-Bianco

4. Duglas Teixeira Moneiro

- a) Introdução
Os Errantes do Novo Século
- b) O significado do compadrio
Os Errantes do Novo Século, cap. 3 da primeira parte
- c) Do Santo Compadrio à Santa Irmandade
Os Errantes do Novo século, cap. 2 da Segunda parte

5. José Sérgio Leite Lopes

- a) Introdução
O Vapor do Diabo
- b) A diferenciação interna dos operários do açúcar e o código da arte
O Vapor do Diabo, cap. 1

6. Florestan Fernandes

- a) O preconceito racial em São paulo (projeto de estudo)
Brancos e negros em São paulo, apêndice
- b) As “trocinhas” do Bom Retiro
Folclore e mudança social na cidade de São paulo – cap. 2
- c) Tiago Marques Aipobureu: um bororó marginal
Mudanças sociais no Brasil, cap. XII

7. Wriyth Mills

- a) O artesanato intelectual
A imaginação sociológica
- b) Os intelectuais
A nova classe média, cap. VII
- c) As altas rodas
A elite do poder, cap. 1

8. Alba Zaluar

- a) Teoria e prática em campo: alguns problemas]
A aventura Antropológica, cap. 2 da Segunda parte
organizado por Ruth Cardoso
- b) O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva
A máquina e a Revolta
- c) Trabalhadores e bandidos: identidade e discriminação
A Máquina e a Revolta, cap. 4

9. Ecléa Bosi

- a) Marilene de Souza Chauí
Os trabalhos da memória – Memória e Sociedade, E. Bosi
- b) Memória e Sociedade
Introdução
Cap. II – tempo de lembrar
Cap. IV – A substância social da memória (pp. 329-354).

PROPOSTA DO PROGRAMA

Durante os meses letivos do segundo semestre de estaremos trabalhando juntos um programa de estudos e práticas sobre alguns métodos qualitativos nas ciências sociais. O curso foi montado de tal maneira que as suas unidades não desdobram propriamente “itens” da questão da pesquisa qualitativa, mas sim autores da Sociologia e da Antropologia. Em cada um deles procuramos selecionar textos que da maneira mais integrada possível cubram: a) uma discussão teórica a respeito de sua própria prática como pesquisador; b) uma reflexão a respeito de como ele procedeu metodologicamente em um pesquisa, ou uma análise qualitativa em pesquisa; c) um ou mais capítulos de um de seus livros onde um trabalho de pesquisa de campo se apresente na prática e mostre os seus resultados.

Outra preocupação foi a de desenvolver de tal maneira o programa que, de autor em autor, pelo menos as principais abordagens qualitativas sejam apresentadas.

Ao lado de tais leituras que constituirão a matéria prima de nossas aulas e seminários, propomos um trabalho de exercício de pesquisa de campo. Os alunos deverão propor pequenos projetos consistentes de pesquisa, apresentar as suas estratégias metodológicas e justificá-las. Se for possível e dependendo de fatores como o tempo disponível e a motivação dos alunos, os que assim quiserem poderão desenvolver os seus projetos, realizando durante os meses de férias pequenos exercícios de pesquisas. Aqueles que assim procederem terão os seus trabalhos de pesquisas avaliados pelos professores no correr do 1º semestre de 1991.

A avaliação do curso será feita através de duas provas (uma no meio e outra no fim do semestre) e a apresentação do projeto de pesquisa com foco sobre a questão metodológica. O curso será desenvolvido através de aulas dadas pelos professores, de seminários de aprofundamento e por trabalhos práticos, em sala de aula e fora

dela, de montagem de projetos de pesquisa. É suposto que os alunos lerão todos os textos aqui indicados. Uma bibliografia complementar será apresentada aos alunos ao longo do curso. Por outro lado, à medida em que os projetos comecem a ser construídos, os professores orientarão alunos individualmente e grupos de alunos, inclusive com a sugestão de uma bibliografia mais específica.

Tópicos Especiais de Antropologia II

a proposta do curso

O curso tópicos especiais de antropologia II será realizado como uma experiência de conjugação de aulas e seminários, com um trabalho de uma oficina de pesquisa. Neste sentido ele terá uma duração real um pouco maior do que a dos cursos regulares na graduação. Deverá ser realizado em um mínimo de duas etapas: 1^a - o ciclo de estudos e seminários durante o semestre letivo final de 199 , entre começo de e fins de ; 2^a - o trabalho individual e/ou coletivo de pesquisas orientadas de campo, durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, logo após o término do período letivo do curso. Deixo em aberto a possibilidade de continuarmos a mesma experiência durante o primeiro semestre de 199 .

Todos os alunos inscritos no curso deverão portanto: a) participar do conjunto de aulas e seminários do semestre letivo; b) elaborar um pequeno projeto de pesquisa de campo até fins de de 199 ; c) participar ativamente de uma experiência de campo (cujas dimensões deverão ser trabalhadas durante o curso; d) elaborar um relatório final do trabalho de campo. Sendo o curso dirigido ao estudo de modos de vida cotidianos e imaginários de sujeitos e comunidades rurais, é previsto que os exercícios de campo sejam feitos em meio rural, de preferência não muitos distante de .

Os objetivos do curso são estes: 1^o - propiciar uma leitura a respeito da antropologia atual, a partir das teorias interpretativas e com algumas incursões a propostas recentes de uma antropologia pós-moderna, procurando relacionar tais teorias do trabalho do antropólogo a situações de pesquisa de campo; 2^o - revisitar a literatura antropológica sobre o campesinato no Brasil, com uma atenção especial ao modo como são tratadas as questões relativas às experiências da vida cotidiana e às representações com que seus sujeitos e culturas as pensam, novas abordagens a respeito do “exercício do olhar”, da coleta pessoal de dados, do estabelecimento de relações interpessoais com “outros”, da elaboração de vários tipos de textos de autores antropólogos.

Desde que tenham sido objeto de estudos sérios e representem formas consistentes de uma “experiência de abordagem”, diferentes modalidades de propostas de pesquisa e de tipos de textos poderão ser apresentadas e testadas, no campo e como uma escrita. Do ponto de vista da seqüência de estudos, uma das

idéias em curso é o apreender como um mesmo antropólogo formula um tipo pessoal de abordagem e como a pratica em uma pesquisa. Outra idéia será a de capturar certos silêncios nas pesquisas junto a culturas camponesas, e criar perguntas a respeito de como alguns aspectos e algumas questões hoje muito relevantes nas ciências sociais poderiam ser levantados e tornados objetos de estudo inovador.

procedimentos do curso

As aulas do semestre letivo estão previstas para as segundas feiras, de 16 às 18 horas e para as quintas feiras, de 14 às 16 horas. Na prática o curso letivo funcionará de outra maneira. Tomaremos todo um dia, da manhã à noite. Durante o horário de aulas das quintas feiras, estaremos reunidos em aula ou seminário. Fora deste horário o professor estará à disposição dos alunos para a orientação pessoal de seu programa de estudos. Também nas quintas feiras serão feitas reuniões com grupos de alunos, à medida em que se formem, para a discussão, montagem e orientação de projetos de pesquisa. Caso outros horários de quintas sejam impróprios a alguns alunos, poderemos criar horários nas terças ou quartas feiras. Por outro lado, ainda dentro do semestre letivo, deveremos fazer pelo menos uma vez um trabalho intensivo de estudos e preparação para a experiência de campo, fora da e ocupando pelo menos um final de semana.

A atividade de campo durante o período de , irá sendo “desenhada” ao longo do semestre. Ela implicará um tempo real de pelo menos 60 dias de atividade de campo. Casos especiais de alunos que não possam viver fora de tal experiência individual e coletiva, poderão ser também discutidos durante o semestre letivo. O que é indispensável é que, de um modo ou de outro, todos os participantes do curso realizem todas as suas etapas: das leituras teóricas do programa até a elaboração de um texto-de-antropólogo.

Calendário do curso

Bibliografia complementar

Presentación de: El surgimiento de la antropología pós-moderna
Carlos Reynoso
 1991, Gedisa editorial México

generos confusos. La refiguración del pensamiento social
 Clifford Geertz
 Idem

Por uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura
 Clifford Geertz
 1978 Zahar Rio de Janeiro

Estar allí: la antropología y la escena de la escritura
 e
Estar aquí: de que vida se trata al fin y al cabo?
 Clifford Geertz
 El Antropólogo como autor
 1989 Ediciones Paidós Barcelona

Da antropologia interpretativa à antropologia crítica
 Michael M J Fischer
 Anuário Antropológico 83

Sobre la autoridad etnográfica
 James Clifford
 In: Reynoso op. Cit.

A comida, a família e a construção do gênero feminino
 Klaas Wortmann
 Trabalhos de ciências sociais/série antropologia nº 50
 UnB/Brasília 1985

“com parente não se neguceia”
 Klaas Wortmann
 Série antropologia 69
 UnB/Brasília sd

